

## **Sala de aula invertida, uma experiência em curso de inglês**

### **Flipped classroom, an experience in an english course**

DOI:10.34117/bjdv7n9-155

Recebimento dos originais: 07/08/2021

Aceitação para publicação: 10/09/2021

#### **Fabio marques de Oliveira Neto**

Doutor

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Avenida Prudente de Moraes, 6267 – Candelária – Natal - RN  
E-mail: fabiomarques@watfordnatal.com.br

#### **Vaneska Oliveira Caldas**

Mestre

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Avenida Prudente de Moraes, 6267 – Candelária - Natal - RN  
E-mail: vaneskawatford@gmail.com

#### **Waleska Barroso dos Santos Kramer Marques**

Mestre

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Avenida Prudente de Moraes, 6267 – Candelária - Natal - RN  
E-mail: waleskakramer@gmail.com

#### **RESUMO**

O presente artigo apresenta uma experiência de utilização da metodologia ativa, Sala de Aula Invertida (Flipped Classroom), em duas turmas de um curso particular de Língua Inglesa na cidade de Natal, Brasil. A metodologia da pesquisa consistiu da adoção dos princípios e técnicas da Sala de Aula Invertida por um período de três meses, culminando com a aplicação de um questionário no qual dezoito alunos expressavam suas opiniões sobre tal metodologia da Sala de Aula Invertida. Os resultados podem ser considerados inesperados, pois os alunos não aprovaram a utilização da Sala de Aula Invertida, o que levou a uma sucinta reflexão acerca dos fatores que levaram a tais resultados.

**Palavras-chave:** Metodologias ativas, Sala de aula invertida, Língua Inglesa.

#### **ABSTRACT**

This article presents an experiment of applying an active methodology, Flipped Classroom, in two groups of students at a private English school in Natal, Brazil. The research methodology consisted on the adoption of principles and techniques from Flipped Classroom during three months after which a questionnaire was answered by eighteen students expressing their opinions about Flipped Classroom methodology. The results can be considered unexpected since the students rejected the use of Flipped Classroom methodology, which led to a brief analysis regarding the factors that produced such results.

**Key-words:** Active teaching-learning methodologies, Flipped classroom, English language.

## 1 INTRODUÇÃO

Já no ano de 1916, o filósofo e pedagogo John Dewey criticava o ensino exclusivamente fundamentado em exposições orais, nas quais o professor seria um transmissor do saber a ser absorvido de forma passiva pelos alunos. Para Dewey (1916) este processo de ensino e aprendizagem era antiquado e ineficaz, e deveria ser substituído por outro no qual os alunos deveria realizar atividades (handson) que os levariam à assimilação dos conteúdos.

Setenta e um anos mais tarde, Paulo Freire (1987) rompia com o ensino tradicional e apresentava uma proposta pedagógica que combatia a aprendizagem bancária (que podia ser sinônimo de passiva), defendendo uma participação ativa do aluno em seu processo de aprendizagem.

Ainda que as nomenclaturas não sejam unânimes, o século XXI testemunhou a ascensão de inúmeras estratégias que procuram promover as chamadas metodologias ativas, como o uso de jogos (Gamification), Aprendizagem Baseada em Projetos, Aprendizagem baseada em Problemas, entre outras. Em regra, essas estratégias são coadunadas com a utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC).

A junção das metodologias ativas com as TDIC tem sido objeto de pesquisas que atestam uma ampliação dos espaços de aprendizagem para além dos muros escolares, bem como um acréscimo de tempo ao processo de ensino e aprendizagem, que não se limitaria ao horário escolar. É dessa utilização de TDIC que resulta o chamado ensino híbrido (blendedlearning) no qual está inserida a Sala de Aula Invertida.

Dentre essas pesquisas supracitadas destacam-se trabalhos produzidos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como Macedo Junior (2017) que propôs um currículo baseado em metodologias ativas para a aprendizagem de competências relacionadas à oftalmologia; Rabelo (2017), que investigou a percepção dos estudantes da disciplina Medicina Laboratorial quanto à utilização de metodologias ativas; e Medeiros (2019), em um trabalho com um espectro mais aberto sobre a percepção da comunidade acadêmica sobre a metodologia da Aprendizagem Baseada em Problemas.

Para Mazur (2015), um dos precursores das metodologias ativas os processos de ensino e de aprendizagem se organizam pela relação indissociável da transmissão e

assimilação de conhecimentos e habilidades. Em linhas gerais, a Sala de Aula Invertida tem como fundamento precípua fazer em casa o que antes era feito em sala – sobretudo atividades de transmissão de informações – e fazer em sala o que antes era feito em casa, como solução de problemas e trabalhos em grupo.

Assim, o professor passa a ser um mediador das discussões e atividades de sala de aula e tem como pressuposto que os conteúdos já foram acessados previamente pelos alunos em suas residências, devendo o tempo de sala de aula ser destinado à consolidação do conhecimento e esclarecimento de eventuais dúvidas. De acordo com Berrett (2012), a Sala de Aula Invertida é uma estratégia que propõe mudar alguns elementos do ensino presencial, sugerindo uma alternativa à lógica tradicional.

Curiosamente, a Sala de Aula Invertida surgiu de um problema bastante comum nas escolas brasileiras: o absenteísmo. Jonathan Bergman e Aaron Sams (2016) relatam que a metodologia surgiu para ajudar os alunos do Ensino Médio que não se faziam presentes nas aulas de Química. A solução encontrada foi a gravação de vídeos para que os alunos assistissem e, posteriormente, tirassem as dúvidas com os professores. Essas atividades foram executadas por um ano e trouxeram resultados expressivos para o aprendizado dos estudantes.

Desse modo, pode-se afirmar que a Sala de Aula Invertida subverte a lógica da aula tradicional. Os alunos são instigados a ter o primeiro contato com os conteúdos sem a presença do professor, em momento anterior à aula, que ficaria destinada para dirimir eventuais dúvidas ou praticar o conteúdo estudado previamente.

## **2 METODOLOGIA**

A pesquisa que deu origem a este artigo foi realizada em uma escola de idiomas com duas turmas do segundo nível intermediário da escola (alunos que já haviam concluído três semestres do curso de Inglês). Cada turma era formada por doze alunos totalizando vinte e quatro estudantes, sendo que apenas dezoito responderam ao questionário em virtude de evasão do curso durante o semestre letivo.

A carga horária totalizou sessenta horas no semestre, sendo que em metade das aulas (30 horas) foram ministradas aulas tradicionais, obedecendo-se ao método comunicativo adotado pela escola. Nas outras trinta horas foi utilizada a Sala de Aula Invertida e os alunos foram informados de que forneceriam opiniões sobre a metodologia ao final do semestre.

Dois ambientes virtuais foram utilizados. No primeiro (Whatsapp), o professor enviava vídeos de curta duração (entre três e cinco minutos) expondo os pontos relevantes de cada lição do livro SmartChoice 2, da Editora Oxford University Press, adotado pela escola de Inglês. Em seguida, o professor postava no segundo ambiente virtual (Google Drive) o texto e o áudio de cada lição para que os alunos estudassem. Havia sempre uma orientação para que os estudantes utilizassem o tradutor do Google para obter o significado das palavras desconhecidas e sugestões de *links* de vídeos a serem assistidos pelos alunos.

Durante as aulas, o professor promovia conversação tomando como base o conteúdo que os alunos já haviam recebido previamente. A conversação iniciava com a imagem que acompanhava cada lição e em seguida debatia-se o tema proposto na mesma. Os alunos eram incentivados a discutirem uns com os outros e em algumas situações era permitido o uso da língua portuguesa. O professor permanecia como um mediador, sobretudo propondo questionamentos quando os assuntos iam se dissipando.

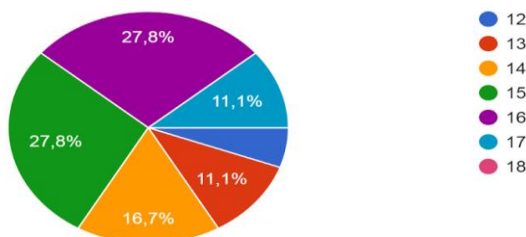
Ao final do semestre, os alunos responderam a um questionário elaborado com questões abertas e fechadas. Primeiramente, buscou-se estabelecer um perfil dos alunos, com perguntas sobre sexo, idade, e frequência de acesso à internet. Em seguida, os estudantes foram indagados sobre a frequência de acesso e a dificuldade de compreensão do material disponibilizado antes da aula. Por fim, os participantes responderam questões sobre suas percepções em relação à metodologia da Sala de Aula Invertida.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos através da aplicação dos questionários são apresentados a seguir, acompanhados de comentários quando pertinentes:

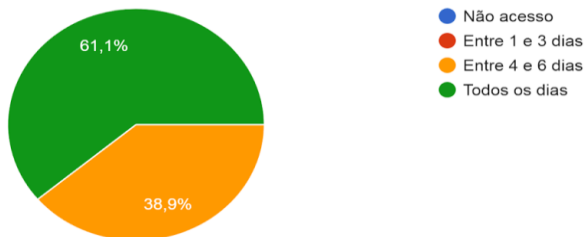
Qual a sua idade?

18 respostas



### Quantos dias por semana você acessa a Internet?

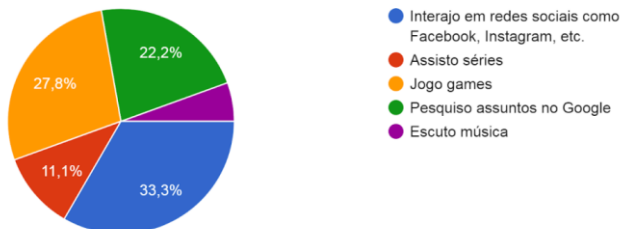
18 respostas



Com essas duas perguntas a pesquisa identificou a faixa etária dos alunos como sendo entre doze e dezoito anos, sendo que mais da metade dos entrevistados tinha entre quinze e dezesseis anos de idade. Além disso, percebe-se claramente que o grupo de alunos acessa a Internet quase que diariamente (no mínimo quatro dias por semana), sendo que mais de sessenta por cento acessam a *web* todos os dias da semana. Os dados não surpreendem, pois é notório que hodiernamente os jovens passam uma grande parte do tempo conectados.

### O que você faz com mais frequência quando acessa a Internet?

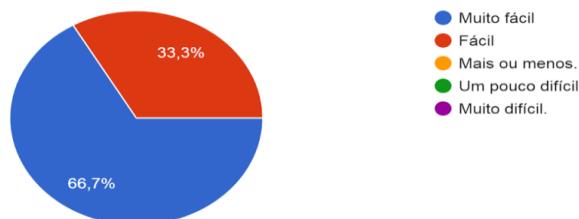
18 respostas



As repostas a esta questão revelam uma multiplicidade de ações desenvolvidas pelos jovens pesquisados quando estão acessando a internet. Percebe-se que, em linhas gerais, os alunos utilizam a rede para interagir através de aplicativos como Whatsapp, Facebook, Instagram, dentre outros (33,3%); para assistir séries (11,1%); e para jogar videogames (27,8%). Destaque-se também o expressivo percentual de entrevistados que disse entrar na Internet para realizar pesquisas no Google (22,2%).

### Você achou o material enviado pelo professor fácil?

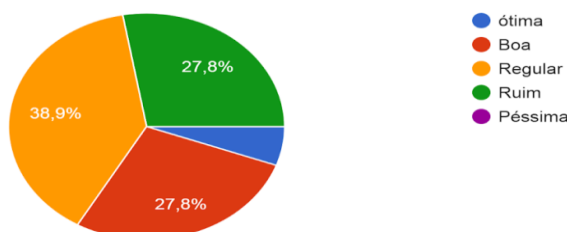
18 respostas



O objetivo dessa questão era identificar problemas de compreensão dos vídeos, textos e áudios enviados pelo professor de forma antecipada. Era importante saber se os alunos que acessavam o material pela primeira vez sem a presença de um professor conseguiriam compreendê-lo por completo, inclusive sanando eventuais dúvidas. A análise dos dados obtidos não permite outra conclusão além de que o material utilizado foi adequado, tendo sido compreendido pelos entrevistados. Todos os alunos classificaram o material como fácil (33,3%) ou muito fácil (66,7%), mesmo que alguns tenham relatado ao professor que precisaram recorrer ao Google para traduções e checagem de pronúncias.

### O que você achou da metodologia com a aula invertida?

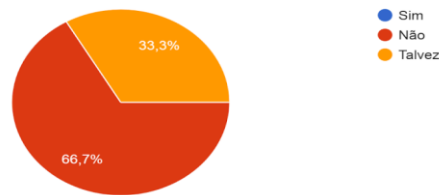
18 respostas



Certamente que este é um dos resultados mais surpreendentes. Inesperadamente, a maioria dos alunos classificou a utilização da Sala de Aula Invertida como regular (38,9%) ou ruim (27,8%); menos de um terço avaliou a metodologia como boa (27,8%) e apenas um estudante a classificou como ótima.

Você gostaria que todas as suas aulas no futuro utilizassem a sala de aula invertida?

18 respostas



Os dados obtidos nessa questão reforçam as opiniões negativas dos alunos entrevistados sobre a Sala de Aula Invertida. Nenhum dos estudantes expressou o desejo de ter aulas com a utilização da metodologia no futuro, 33,3 % admitiram a possibilidade de que a mesma fosse utilizada, mas 66,7% rejeitaram a metodologia.

Evidentemente que esses não eram resultados esperados antes da aplicação da pesquisa, pois evidenciaram uma não aceitação da Sala de Aula Invertida pelo grupo de alunos pesquisado, desafiando os paradigmas tanto do professor envolvido quanto dos pesquisadores. Assim, foi necessária uma análise mais detalhada dos resultados obtidos.

Indagar-se ia, nesse instante, sobre quais fatores haveriam de ter contribuído para a rejeição da metodologia de Sala de Aula Invertida pelo grupo de alunos pesquisado. Em tese, o problema não parece estar no professor, que já tinha experiência bem sucedida com a aplicação da metodologia em turmas do ensino médio integrado ao técnico em outra instituição de ensino.

Ainda que a questão permaneça em aberto e novas investigações se revelem necessárias, alguns fatores são relevantes para tentar explicar os resultados e, para isso, serão analisadas algumas respostas dadas às perguntas abertas do questionário: quais os pontos positivos da sala de aula invertida? e quais os pontos negativos da sala de aula invertida?

Quanto aos pontos positivos, as opiniões dos participantes 6 (P6) e 18 (P18) merecem destaque:

A gente aprende mais nas aulas porque já aprendeu um pouco em casa (P6, 2019).

Cria a obrigação de olhar os assuntos antes de ir para a aula (P18, 2019).

Entretanto, em face dos resultados obtidos pela pesquisa, nos deteremos na análise de alguns pontos negativos apresentados pelos alunos, associando tais pontos às nossas impressões:

a) Os alunos do curso de Inglês já estavam habituados a uma metodologia adotada pelo curso desde a primeira aula e, portanto, estavam habituados a um estilo de aula determinado há pelo mesmo três semestres. Dessa forma, esses estudantes podem ter rejeitado a mudança porque lhes tiraria de suas zonas de conforto. Observem-se as respostas dos participantes número 5 (P5) e número 11(P11) da pesquisa:

Achei muito chato, tinha muita coisa para fazer na hora da aula e o professor ensinava só de vez em quando (P5, 2019).  
Prefiro aula normal (P11, 2019).

É certo que na Sala de Aula Invertida o aluno passa a ser o centro do processo de ensino e aprendizagem e, evidentemente, sua participação na aula é, em regra, intensificada, comparando-se às metodologias tradicionais. Assim, é pertinente a constatação de que o aluno terá, realmente, “muita coisa para fazer na hora da aula”. Ademais, o desejo de “aula normal” pode significar aula que já estamos acostumados a ter e que faz parte da nossa cultura.

b) A metodologia da Sala de Aula Invertida ainda não é muito utilizada no Brasil. Apesar de muitas discussões sobre as chamadas metodologias ativas, o aluno brasileiro ainda está habituado à aula em que o professor é a figura central da aula e o responsável pela transmissão do conhecimento. Tal premissa fica evidente quando da análise dos participantes 2 (P2), 7 (P7) e 17 (P17);

Muita gente não olha o material antes da aula. Aí o professor não consegue debater e tem que explicar tudo para quem não viu os vídeos e não leu o texto (P2, 2019).  
Não temos muito tempo para olhar o material antes. Prefiro que o professor dê aula e depois pratique com a gente (P7, 2019).  
Quando a gente não olha o material em casa a aula fica difícil (P17, 2019).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A metodologia de Sala de Aula Invertida tem como pressuposto que os alunos terão contato com os assuntos da aula antes do encontro presencial. Um dos alunos relatou falta de tempo (P7) e outro (P2) afirmou que “muita gente não olha o material antes da aula”. Aparentemente, os alunos do grupo pesquisado precisariam de mais motivação para olhar o material antecipadamente, talvez a atribuição de alguma recompensa para



quem o fizesse. O fato é que alguns alunos deixaram de observar o material antecipadamente ou não o fizeram de maneira satisfatória.

Mesmo fazendo a ressalva contida no parágrafo anterior, não se pode afirmar no presente estudo que a rejeição à Sala de Aula Invertida, externada pelos participantes da pesquisa ora em tela, se deu em virtude de que os mesmos não acessaram previamente seus materiais, contrariando assim um dos fundamentos da metodologia, posto que vários participantes da pesquisa apresentaram evidências de contato com o material, tanto nas aulas quanto quando de suas respostas ao questionário.

A conclusão precípua deste trabalho é de que a Sala de Aula Invertida seja uma metodologia ativa que procura suplantar o modelo tradicional de ensino, que ainda está bastante presente cultura escolar brasileira. Apesar de seus beneplácitos e de suas intenções louváveis, os defensores da metodologia devem observar que como todos os outros métodos existentes não há garantia de sucesso com todos os grupos, em todos os momentos e com todos os possíveis objetos de estudo.

Há, igualmente, a necessidade de estudos posteriores para identificar fatores de sucesso ou de insucesso quando da utilização da Sala de Aula Invertida, não apenas quanto à questão da receptividade por parte dos alunos, mas pelo produto (resultado) alcançado através do processo de ensino e aprendizagem. Talvez até mesmo os alunos que participaram da atual pesquisa tenham sido beneficiados em termos cognitivos (tanto em processos como em resultados) com a utilização da mesma, havendo, assim campo para novas investigações.

## REFERÊNCIAS

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. *Aprendizagem invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem*. Rio de Janeiro: Gen, LTC, 2016.

BERRETT, Dan. How flipping the classroom can improve the traditional lecture. *The Education Digest*, v. 78, n. 1, p. 36, 2012.

DEWEY, John. [1916]. *Democracy and Education*. New York: The Free Press, 1944. (Cópia revisada).

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MACÊDO JÚNIOR, HarimRevorêdo de. *Implementação de competências relacionadas à oftalmologia em um currículo baseado em metodologias ativas de ensino*. 2017. 33f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino na Saúde) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

MAZUR, Eric. *PeerInstruction: A revolução da aprendizagem ativa*. Porto Alegre. Penso, 2015.

MEDEIROS, Sonaira Larissa Varela de. *Metodologia da aprendizagem baseada em problemas: percepção da comunidade acadêmica*. 2019. 86f. Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Saúde e Educação) - Escola de Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

RABELO, José Wilamy Cosme. *Metodologia ativa de ensino-aprendizagem aplicada na disciplina de Medicina Laboratorial: percepção dos estudantes*. 2017. 64f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino na Saúde) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

WILSON, Ken. *Smart Choice 2*. 2. ed. Nova York: Editora Oxford University Press, 2011.